



APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

A
Ç
Ã
O



O dossiê temático *Morfologia Distribuída* (v. 7, n. 2), do **Caderno de Squibs: temas em estudos formais da linguagem**, reúne nove trabalhos que discutem aspectos formais das línguas naturais, ancorados no modelo teórico da Morfologia Distribuída (MD) (HALLE; MARANTZ, 1993, 1994). Esse modelo, que este ano completa oficialmente 29 anos, configura uma versão não lexicalista da arquitetura da gramática, engendrada pela teoria da Gramática Gerativo-Transformacional, e é atualmente um dos modelos mais bem difundidos e promissores dentro dos estudos formais.

De maneira geral, como explicitado em Halle e Marantz (1994), três propriedades (tomadas em conjunto) caracterizam essa teoria, quais sejam: (i) os mecanismos de formação de palavras são os mesmos da formação de sentenças; (ii) o conteúdo fonológico só é manipulado depois que as estruturas já foram geradas; (iii) diferentes estruturas podem receber a mesma realização fonológica. Tais propriedades, conhecidas respectivamente como “estrutura sintática hierárquica por toda derivação”, “inserção tardia” e “subespecificação”, configuram a versão clássica do modelo e têm se mantido constantes desde a primeira versão da teoria.

Adicionalmente, porém, assim como qualquer teoria científica, a MD está sempre sujeita a revisões, reformulações e readequações. Atualmente, dentro desse movimento, dois tópicos estão no centro das discussões entre os adeptos da teoria, a saber, (i) a configuração de domínios específicos na derivação das estruturas (as “fases da palavra”) e (ii) a natureza dos primitivos do modelo (o “conteúdo das raízes”) e, em particular, a visão alossêmica das raízes.

No que concerne ao desenvolvimento de trabalhos em MD no Brasil, são 18 anos de estudos, cuja data “oficial” remete à criação do *Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída* da USP (GREMD), sob a coordenação de Ana Paula Scher. Hoje em dia, além de na USP, há pesquisadores trabalhando com esse modelo em todo o País; em particular, na UNICAMP, UFRJ, UFMG, UFPR, UFBA, UNIFESP, UFJF, UnB, dentre outras. Na esteira desse movimento, este dossiê visa a reunir um conjunto de trabalhos recentes em MD sendo desenvolvidos por pesquisadores em diferentes níveis de formação e(ou) titulação acadêmica, desde a iniciação científica, mestrado, doutorado, pós-doutorado, até a docência na universidade.

A proposta deste dossiê surgiu em 2020 na USP, em uma disciplina do programa de pós-graduação (*Morfossintaxe: Morfologia Distribuída*), ministrada por Ana Paula Scher e Maurício Resende, em paralelo com as discussões desenvolvidas pelo GREMD, naquele mesmo ano. Alguns dos trabalhos — bem como das parcerias — que compõem este dossiê surgiram naquele contexto e ressaltam o crescimento eminente do interesse por essa teoria bem como a versatilidade e produtividade desse modelo para descrever e explicar os fenômenos em diversas línguas, com ênfase nos fenômenos morfológicos e de suas interfaces (como a fonologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática).

Mais especificamente, dos nove trabalhos que compõem este dossiê, três deles se debruçam sobre questões internas à teoria — a saber, o estatuto dos traços diacríticos, o

conteúdo semântico das raízes e os primitivos da derivação morfológica/sintática — e os outros seis se dedicam à formalização de certos fenômenos linguísticos — quais sejam: aspecto, morfologia avaliativa, nominalizações infinitivas, passivas estativas, cruzamento vocabular e empréstimos — em português brasileiro, Libras e coreano.

Assim, abrindo o dossiê, o artigo convidado é de Maria Filomena Spatti Sandalo e se intitula **Theme vowels and a root-based approach to Morphology: evidence from Portuguese**. Nesse artigo, a partir da observação de dados contendo vogais temáticas em interação com diminutivos, de metáfora vocálica e de colocação de clíticos, no português brasileiro, a autora argumenta em favor de uma configuração estrutural em que morfemas se associem diretamente à raiz, uma proposta que está em consonância com a hipótese fundamental do modelo da Morfologia Distribuída, a saber, que a raiz é um dos primitivos da gramática. Sua solução para a questão investigada oferece um tratamento simples para o que a autora denomina “problemas fonológicos complexos”.

Na sequência, encontram-se quatro *squibs* e quatro artigos que abordam tópicos distintos e têm como arcabouço teórico comum o modelo da Morfologia Distribuída.

O primeiro *squib*, de Dalila Maria de Souza e Paula Roberta Gabbai Armelin, intitulado **Nominalizações infinitivas no português brasileiro: eventividade e estrutura argumental**, defende que as nominalizações infinitivas do português brasileiro, tratadas como nominais zero por não exibirem a realização fonológica do sufixo nominalizador, não sejam sistematicamente impedidas de licenciar uma estrutura argumental. A partir da investigação do comportamento empírico de um conjunto de nominalizações infinitivas dessa língua, que leva em conta as propriedades propostas em Grimshaw (1990) para o diagnóstico de nominais com estrutura argumental, as autoras identificam essas nominalizações como nominais com estrutura argumental (ASNs), por serem eventivas e licenciarem estrutura argumental. A proposta renova o debate em torno desses dados, já que questiona a hipótese geral de que nominais zero são incompatíveis com estrutura argumental.

O segundo *squib*, de Claudia Souza Coelho e Paulo Ângelo Araújo-Adriano, intitulado **Em favor de raízes sem diacríticos**, aborda a questão da necessidade ou não de se assumir a presença de diacríticos nas raízes para lidar com certas informações gramaticais dependentes delas, tais como classe e gênero. Com base em fatos relativos à marcação de gênero e classe, os autores afirmam que o sistema computacional opera normalmente, sem a necessidade de se postularem diacríticos nas raízes. Para as marcas de classe, a proposta é que elas sejam identificadas pelos itens de Vocabulário que realizam as raízes, estando, portanto, ausentes da sintaxe e não provocando efeitos em LF. Quanto ao gênero, os autores assumem, seguindo Resende & Santana (2019), que as informações sobre essa categoria estão nos nominalizadores, provocando, assim, os efeitos esperados em LF, diferentemente dos traços de classe.

O terceiro *squib*, de Karina Vieira, Paula Roberta Gabbai Armelin e Lydsson Agostinho Gonçalves, intitulado **Discutindo a estrutura das passivas estativas no português brasileiro: evidências de complexidade estrutural**, explora os dados de participios estativos dessa língua e aponta para a inadequação do tratamento oferecido em Embick (2004) para dados semelhantes, que sugere que esse tipo de participio resulta da concatenação entre a raiz e um núcleo aspectual. Como os dados do grego, já discutidos em outros trabalhos, os dados do português sugerem mais complexidade estrutural na composição desses participios e indicam que a distinção entre passivas estativas e resultativas depende não apenas do participio relevante, mas, também, dos outros elementos que constituem a sentença.

O quarto *squib*, de Hadassa Rodrigues Santos, intitulado **A realização fonológica do aspecto em Libras**, discute o conteúdo fonológico correspondente à realização do traço de telicidade e duração de eventos na Língua Brasileira de Sinais (Libras), tendo como base a Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993) e o Modelo Prosódico (BRENTARI, 1998). A autora conclui que as articulações da face inferior (boca, bochechas e queixo) correspondem à contraparte fonológica dos traços de aspecto. Nesse sentido, podem remeter aos traços que determinam as propriedades semânticas das eventualidades (telicidade, por exemplo), tais como [±CONTÍNUO] e [±PONTUAL], que se realizam por modulações do movimento manual e das expressões não manuais, em uma simetria articulatória e semântica.

Entre os artigos, o primeiro, de Beatrice Nascimento Monteiro e Elisângela Gonçalves, intitulado **Semântica(s) e raízes: discutindo a natureza das raízes na Morfologia Distribuída**, investiga a natureza das raízes, considerando sua semântica e avaliando propostas que assumem que raízes são destituídas de conteúdo semântico, bem como outras que atribuem semântica a essas unidades. As autoras constatarem que diferentes concepções de semântica têm sido associadas às raízes e afirmam que, se por um lado as propostas que envolvem uma noção de semântica atrelada a categorias (como raízes que denotam entidade, estado e evento) não são compatíveis com o pressuposto da Morfologia Distribuída de que as raízes são acategoriais, por outro, essa compatibilidade se verifica se as perspectivas adotadas são as de que as raízes têm traços enciclopédicos ou apresentam um núcleo semântico conceitual.

O segundo artigo, de César Elidio Marangoni Júnior, intitulado **Morfologia avaliativa em Morfologia Distribuída**, se concentra na interface entre a morfologia, a semântica e a pragmática, por meio da discussão sobre a morfologia avaliativa e seus possíveis tratamentos dentro de um modelo teórico como a Morfologia Distribuída. Os fatos empíricos escolhidos para a discussão envolvem dados de diminutivos, aumentativos, formas truncadas e *blends* e a leitura avaliativa que podem apresentar. Por meio de traço dissociado [EVAL] que é adicionado a uma estrutura já categorizada e determina o item de Vocabulário que preencherá o nó terminal relevante, o autor oferece um tratamento unificado para essas formações e, nesse sentido, contempla os efeitos pragmáticos atrelados a diminutivos, aumentativos, pejorativos e afetivos.

O terceiro artigo, de Ana Paula Scher e Raquel Gesqui Malagoli, intitulado **Empréstimos em Morfologia Distribuída: termos do inglês em coreano e português**, investiga o fenômeno dos empréstimos linguísticos segundo a Morfologia Distribuída. São analisadas algumas ocorrências de empréstimos de termos do inglês nas línguas coreana e portuguesa, sob a hipótese de que a faculdade da linguagem humana possui propriedades que explicam o funcionamento dessas formas emprestadas, independentemente da tipologia das línguas em foco ou da relação que possam estabelecer entre si. As questões da pesquisa procuram determinar os principais alvos do empréstimo linguístico, a forma como são recebidos na língua de destino e o que os termos emprestados nos revelam sobre as estruturas gramaticais envolvidas. Para as autoras, a língua de destino toma como um bloco monomorfêmico a palavra emprestada da língua de origem e a insere em sua Lista 1 como uma nova raiz, que passa a se comportar como as outras raízes dessa língua, requerendo categorização ao entrar na derivação.

Por fim, o quarto artigo, de Lydsson Agostinho Gonçalves e Maíra Candian, intitulado **Revisitando a estrutura dos blends na Morfologia Distribuída: contribuições de dados comerciais**, encerra este volume com a análise de um conjunto de nomes de bebidas alcoólicas preparadas com cachaça, cuja formação envolve o próprio termo “cachaça” e um termo que designa o sabor de uma fruta que é misturada à cachaça no preparo da bebida. Com base em literatura recente sobre *blends* e formas truncadas, os autores apontam para a existência de um núcleo avaliativo — [EVAL] — e defendem que o componente morfológico seja acessado pela Lista 3, numa influência direta da Enciclopédia na inserção de Vocabulário, na sobreposição de segmentos fonológicos e na leitura apreciativa dos *blends* formados.

Ao nos propormos a organização deste volume da revista *Caderno de Squibs*, nossa expectativa era a de que pudéssemos oferecer à comunidade científica da área de Linguística Formal um material que fosse, ao mesmo tempo, instigante e desafiador. Acreditamos ter cumprido essa tarefa da melhor maneira possível e, por isso, apresentamos nossos agradecimentos a todos os autores que participaram dessa empreitada, bem como aos nossos pareceristas — sem os quais este trabalho não teria sido possível. Deixamos, também, um agradecimento especial aos editores do *Caderno de Squibs*, que prontamente aceitaram a nossa proposta e nos ofereceram todo o suporte necessário para a realização deste volume.

Ana Paula Scher
Maurício Resende